

## **EXPERIMENTANDO O PARTICULAR: A MICRO-HISTÓRIA NO FAZER HISTORIOGRÁFICO BRASILEIRO**

Vitor Hugo Bastos Cardoso<sup>1</sup>

ALMEIDA, Carla M. Carvalho de; OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de (Org.) *Exercícios de micro-história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

Ao longo dos últimos vinte anos, dentro daquilo que poderíamos chamar de circuito historiográfico brasileiro, a palavra “micro-história” vem soando cada vez mais alto como voz ativa na prática, ou até mesmo, ainda que de forma incipiente, no debate e diálogo entre os pesquisadores nacionais. Até o momento ainda não se fez uma reflexão sistemática, ao menos aqui deste lado do Atlântico Sul, sobre os limites, alcances e as possibilidades das implicações deste novo método em história no contexto da pesquisa histórica brasileira.

Se esta reflexão ainda não conseguiu atingir a sua forma “madura” e ampliada, certamente isso estará por acontecer nos próximos tempos. É pelo menos o que sugere o novo livro organizado pelas historiadoras Carla M. Carvalho de Almeida e Mônica Ribeiro de Oliveira, “Exercícios de micro-história”, publicado pela editora da Fundação Getúlio Vargas (FGV) no ano de 2009. O livro é resultado das reflexões que foram desenvolvidas junto ao “II Colóquio do Lahes: *Micro-História e os Caminhos da História Social*” no ano de 2008, nas dependências da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), e organizado pelo Laboratório de História Econômica e Social (LAHES), instituição da qual fazem parte as organizadoras. Este colóquio surgiu como um espaço exclusivo de discussão sobre as metodologias de pesquisa em história econômica e social no Brasil.

A formação de ambas as historiadoras segue a linha de estudos de uma história de cunho “econômico” e “social” das sociedades brasileiras dos séculos XVIII e XIX. Ambas possuem doutorado em história pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e atuam como professoras do programa de pós-graduação em história da UFJF. Mônica Ribeiro é autora de “*Negócios de famílias: mercado, terra e poder na formação da cafeicultura mineira 1780-1870*” e organizou também com Carla Carvalho de Almeida “*Nomes e números: alternativas metodológicas para história econômica e social*”, o primeiro livro que se originou do debate promovido pelo LAHES. Por sua vez, Carla de Almeida é autora

---

<sup>1</sup> Historiador e Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC. Email: vitorhgcardoso@yahoo.com.br

de vários artigos e capítulos de livros sobre elites e hierarquias sociais no Brasil colonial, e também é co-autora e organizadora de *“Conquistadores e negociantes: histórias de elites no Antigo Regime nos Trópicos”*.

O presente livro reúne 10 artigos escritos por historiadores italianos, brasileiros e peruanos. O texto de apresentação é assinado pelo historiador Giovanni Levi, um dos grandes nomes da micro-história italiana. A organização do livro se deu em três partes; a primeira dedicada aos historiadores e precursores da micro-história, a segunda que reserva alguns apontamentos teóricos sobre o tema, e a terceira que reflete a aplicação prática do método nas pesquisas atuais no Brasil e também no Peru. Ao que parece, esta ordem parece sugerir um direcionamento para o debate que está por fazer acerca das apropriações micro-históricas noutros contextos historiográficos.

Como já dito, a primeira parte do livro foi reservado aos historiadores italianos, Giovanni Levi e Edoardo Grendi, e traz quatro textos inéditos em língua portuguesa. Os dois primeiros capítulos são de autoria de Edoardo Grendi, o primeiro italiano a pensar a “microanálise” como uma proposta metodológica séria e legítima frente aos novos questionamentos que incidiam sobre a história social nos anos 1960 e 1970. Os seus textos apontam para isso. Dando sequência Giovanni Levi demonstra, a partir de seus próprios textos, “Reciprocidade mediterrânea” e a “Economia camponesa e mercado de terra no Piemonte no Antigo Regime”, os usos dos novos princípios metodológicos (micro-analíticos) que deveriam guiar a história social e também econômica, anteriormente sugeridos e defendidos por Grendi.

A parte seguinte do livro procura situar a micro-história dentro do amplo debate intelectual, vulgarmente conhecido como “virada cultural” ou “lingüística”, que serviu de pano de fundo às transformações do conhecimento histórico nas décadas de 1970 e 1980. Um artigo é assinado por Cássio Fernandes, que busca através da trajetória intelectual do italiano Délio Cantimori reconhecer os fundamentos da história da cultura na micro-história. O outro é de autoria de Henrique Espada Lima, que busca relacionar as transformações por quais passaram o programa micro-histórico e a sua “recepção seletiva” no Brasil.

Por fim, os quatro capítulos finais do livro são assinados por três historiadores brasileiros, e uma historiadora peruana. Esta parte do livro segue a linha de pesquisa das organizadoras do livro, o campo “econômico-social”. O primeiro capítulo é assinado por João Fragoso, que a partir da análise minuciosa de um engenho do agro fluminense no século XVIII tenta revelar as estruturas de organização das hierarquias sociais na América portuguesa. O engenho de “Sapopemba” revela-se como um “microcosmo” social do Antigo Regime nos trópicos, o modelo explicativo que a tanto vem sendo defendido pelo autor. Na sequência,

a historiadora Mônica Ribeiro procura analisar as matrizes culturais (familiares) que permearam a formação de uma comunidade agrária de fronteira na região de Minas Gerais. Ainda sobre Minas, Renato Venâncio nos apresenta um estudo sobre as redes sociais que eram tecidas a partir dos laços de compadrio revelando os significados do parentesco ritual para aquela sociedade, em especial sobre as elites. Por último, Cristina Mazzeo de Vivó, em seu estudo sobre as elites mercantis de Lima, procura revelar a lógica econômica que predominava entre os comerciantes ligados ao Consulado de Comércio de Lima a partir de suas vinculações interfamiliares.

A partir das características que compõe o livro (autores e temas, principalmente) é possível perceber de qual “micro-história” o livro fala, que certamente não é aquela que foi considerada como de vertente “cultural” ligada a pessoa de Carlo Ginzburg, reconhecido no Brasil como o único detentor do “bastão” micro-analítico. Os temas “quentes” das discussões historiográficas brasileiras como “linguagem”, “representações”, “mentalidades”, etc, no final dos anos 1980 e na década de 1990, levaram a crer que a micro-história surgia apenas como mais um modelo da grande “onda” da história cultural que assombrava os estruturalistas. De fato, isso também é verdade. Mas não somente no sentido dos estudos de uma cultura simbólica e autônoma distantes das realidades material e social concreta. A publicação de textos como os dos micro-historiadores Edoardo Grendi e Giovanni Levi, sinaliza isso. Talvez seja esta a grande contribuição de “Exercícios de micro-história”, o de revelar uma micro-história de “contextualização social” que aos poucos vem se difundindo no Brasil. Nesse sentido, o tema da cultura assume outro significado estando diretamente ligado aos comportamentos dos indivíduos e grupos sociais na lógica que orientava as suas ações.

Entretanto, cabe aqui reconhecer que o debate em torno das apropriações da micro-história no contexto da pesquisa brasileira está apenas começando, sobretudo para os estudos ligados aos temas das antigas “escolas estruturais” identificados pela interface da “sociedade” e “economia”. Assim, pode-se dizer que a leitura do referido livro serve como um bom começo para aqueles que querem se situar dentro dos questionamentos acerca dos métodos e técnicas nos estudos de história social e econômica, e das suas conexões com a história cultural, possíveis a partir de uma abordagem micro-analítica.